

55

ROCHA PEIXOTO

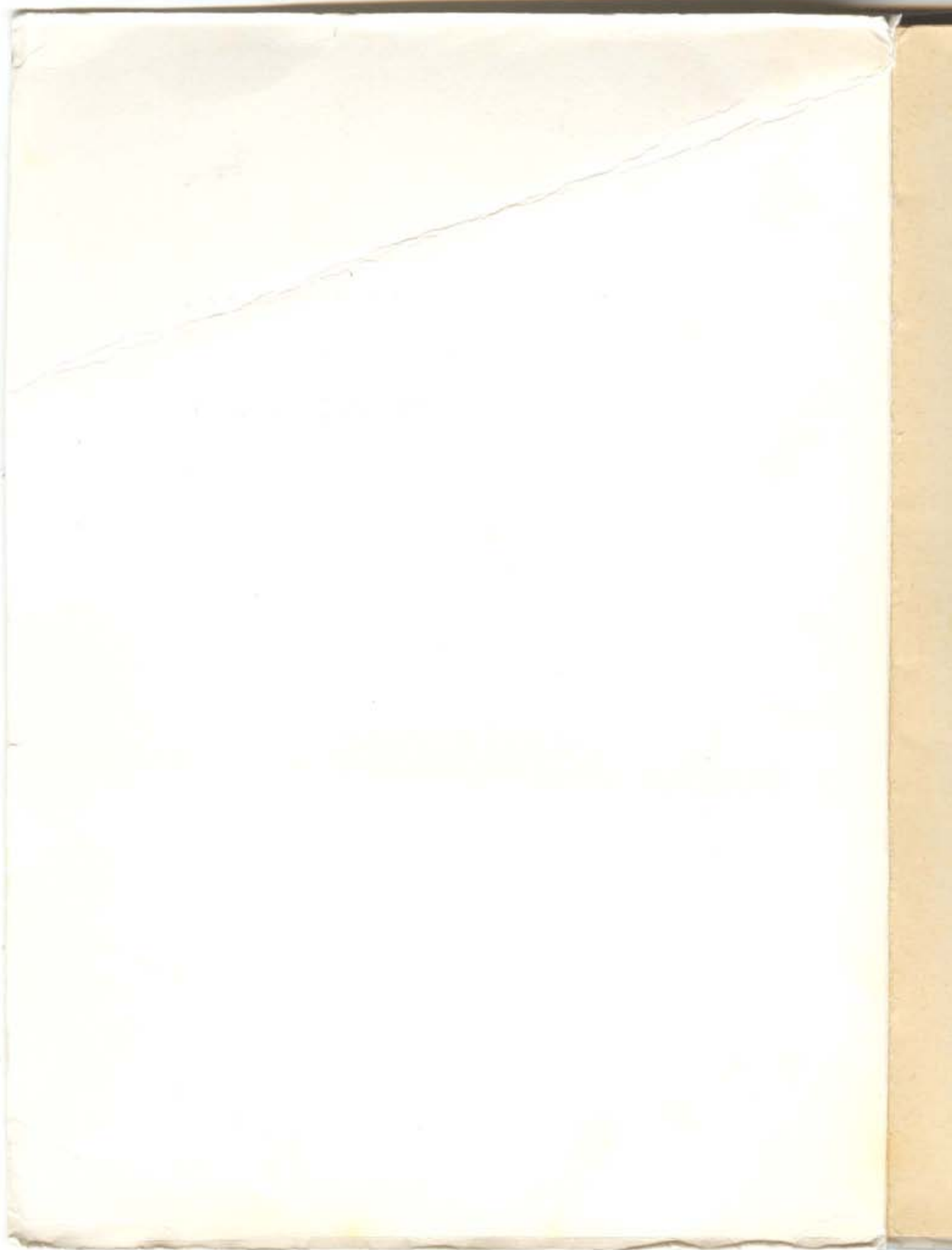
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECCÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

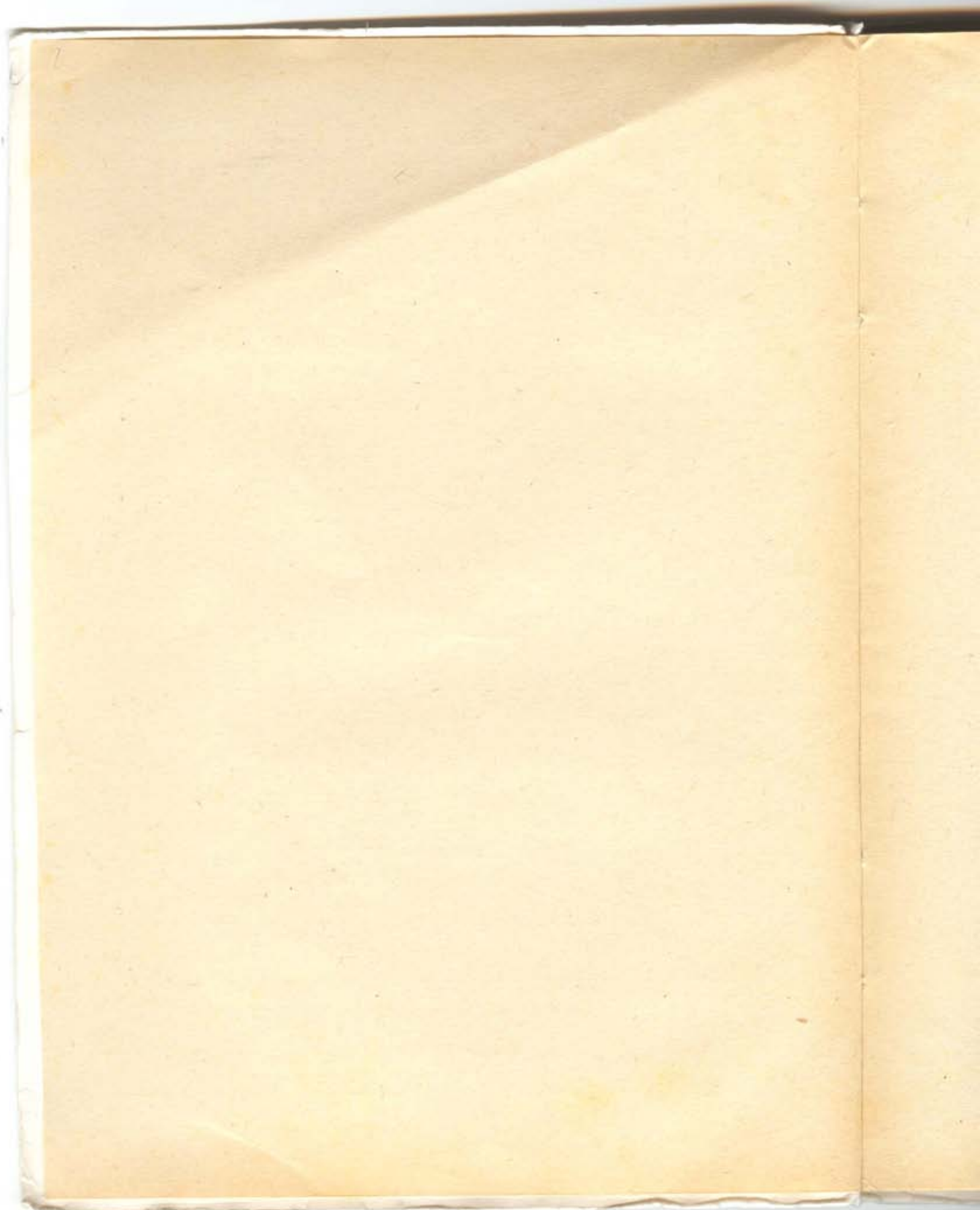
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

ROCHA PEIXOTO

(REQUISITOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE ESTADO

REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE ESTADO
REDAÇÃO GERAL



ROCHA PEIXOTO

por Augusto Nobre (*)

As minhas relações com Rocha Peixoto iniciaram-se em 1885. Em Fevereiro desse ano recebia eu uma carta dele pedindo-me para ir a sua casa conversar sobre questões científicas e desculpando-se por não ir a minha casa pois que receava incomodar-me (**).

Conhecia-o apenas de nome, sabia que se interessava pela ciência e que fundara um grémio, de rapazes sim, mas no qual punha todas as suas esperanças (***)

Fui visitá-lo e desde logo a maior simpatia me ligou a esse rapaz de fronte alta; de peito sumido de mau

(*) Artigo publicado no jornal *Rocha Peixoto (Homenagem)*, número único, saído na Póvoa de Varzim em 17 de Junho de 1923, sendo director o Dr. Joaquim Graça e editora a *Escola Primária Superior de Rocha Peixoto* (pp. 3-4).

(**) No dia 1 de Janeiro de 1885 Rocha Peixoto concluíra um artigo comentando uma obra então recente de Augusto Nobre — o *Catalogue des mollusques observés dans le sud-ouest (Contribution à la faune conchyliologique marine du Portugal)* (Coimbra, 1884). Esse artigo, assinado por Augusto César — a assinatura à época usada por Rocha Peixoto —, foi publicado pouco depois no jornal poveense *A Independência* [Augusto Cezar — «Do Porto», in *A Independência*, da Póvoa de Varzim, de 24 de Janeiro de 1885 (pp. 1-2)].

(***) Referência ao «Grémio Oliveira Martins», fundado na *Escola Académica* em começos de 1885 (*Vide* o texto das pp. 18-19 deste volume).

presságio, acanhado mas de viva inteligência e com largos projectos em esboço (*).

Como nesse tempo frequentava Coimbra (**) só de tempos a tempos nos víamos; as nossas relações mantinham-se todavia com assiduidade por cartas que trocávamos.

A inauguração do grémio havia sido entusiástica, todos discursaram, todos recitaram «versalhada» como ele dizia, mas as dificuldades começaram a surgir, desde que fora necessário custear as despesas. Assim a vida desse grémio era cheia de dificuldades; uma ocasião houve em que o grémio tinha uma dívida de 60.000 e Rocha Peixoto para satisfazer a conta de 20.000 ficara sem o relógio, a cadeia e a bolsa.

Não desistira, porém. O grémio tinha resolvido criar uma revista científica e literária de que seriam redactores António Nobre, Hamilton de Araújo, João Barreira e Rocha Peixoto, divergindo as opiniões sobre qual deveria ser a sua principal orientação; meu irmão (***) entendia que devia ser mais literária, os outros que deveria ser mais científica (****).

(*) Em 29 de Março de 1885 já Augusto Nobre acompanhava Rocha Peixoto, António Nobre, Hamilton de Araújo, João Barreira, Oliveira Alvarenga, e outros, numa excursão à Póvoa de Varzim [Vide: — «Excursão», in jornal *A Independencia*, da Póvoa de Varzim, de 28 de Março de 1885 (p. 3)].

(**) Para a compreensão deste artigo à luz dos dados biográficos de Augusto Nobre, vide: António Machado — «Dr. Augusto Pereira Nobre», in *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo 31, n.º 4 (Porto, 1946), pp. 209-214.

(***) O poeta António Nobre, então com dezoito anos.

(****) Já antes, aos quinze anos, Rocha Peixoto pertencera ao corpo fundador de uma efémera revista de estudantes. Refiro-me ao *Boletim Literario. Revista Academica Mensal* (Porto, 1881), de que saíram, pelo

Rocha Peixoto iniciara a organização das colecções com materiais que conseguiu na Póvoa de Varzim, pedia-me que lhe classificasse as espécies que eu conhecia, que lhe indicasse livros para se dedicar à conchiologia e que lhe conseguisse permutas no estrangeiro. Mas a vida do grémio tinha os seus dias contados, havia sido efémera e, em fins de Junho, a liquidação das suas contas punha termo à sua primeira iniciativa científica.

Mas o que havia a esperar das finanças de rapazes cujos fundos eram tais que para se levar a cabo uma *lauta* ceia de azeitonas e boroa, ali para os lados da rotunda da Boavista e à qual eu me agregava como conviva e tesoureiro, era regulado o consumo das *iguarias* pelos vinténs que ia contando no meu bolso, resultado da cotização prévia feita entre nós!

Também, por esse tempo, para eu acabar de liquidar uma conta na tipografia Morgado, pela impressão da terceira monografia que publicava, vira-me obrigado, pelo horror que tinha às dívidas, em empenhar por 7.000 a minha corrente de ouro, que nunca mais vi.

Rocha Peixoto, porém, não desistia dos seus projectos.

O seu espírito combativo já por essa época se manifestava numa polémica com um adversário que no seu dizer «era de pulso, o que não admirava pois frequentava a Universidade».

Era um caso de jesuítas (*).

menos, três números (datados de 1 de Maio, 1 de Junho e 1 de Julho de 1881). No cabeçalho dessa, hoje raríssima, publicação, aparecem A. Augusto da Rocha Peixoto como «proprietário», J. Augusto d'Oliveira Alvarenga como «director literário» e A. Eduardo de Melo como «administrador».

(*) Em fins de 1883 o jornal *Estrela Povoense*, da Póvoa de Varzim — jornal de feição conservadora —, publicou uma série de artigos acerca d'«Os Jesuítas», subscritos pelo estudante poveiro Afonso dos Santos Soares, futuro presbítero, ao tempo com dezasseis anos [Afonso dos Santos Soares

Consultara, porém Oliveira Martins que achou mais prudente o termo da contenda. Depois de conversar com

— «Os Jesuítas», in *Estrella Povoense* de 9 de Setembro (p. 1), 16 de Setembro (pp. 1-2), 14 de Outubro (pp. 1-2), 28 de Outubro (p. 2), 4 de Novembro (p. 2), 18 de Novembro (p. 2), 9 de Dezembro (pp. 1-2) e 30 de Dezembro de 1883 (p. 2)]. Mal saiu o primeiro destes artigos, Rocha Peixoto — que na altura contava dezassete anos e adoptara o nome literário de Augusto César — inseriu no jornal povoense *A Independência*, de tendências republicanas, um violento artigo criticando Afonso dos Santos Soares e os jesuítas [Augusto Cezar — «O snr. Affonso dos Santos Soares e o Jesuitismo», in *A Independencia*, da Póvoa de Varzim, de 18 de Outubro de 1883 (p. 2)]. O autor visado não replicou logo. Só na *Estrella Povoense* de 28 de Outubro se publica, a seguir a um dos seus já citados artigos, uma carta que lhe é dirigida — carta não assinada, — na qual um pretenso amigo lhe pergunta se havia lido a prosa de Augusto César e lhe chama a atenção para o conteúdo dela. Afonso dos Santos Soares responde à carta, dizendo que, por desconhecer o referido escrito, o fora ler... E acusa o jornal *A Independência* de se mancomunar com os inimigos da fé católica (p. 2). Terminada, porém, a série dos seus artigos sobre «Os Jesuítas», Afonso dos Santos Soares escreve, também para a *Estrella Povoense*, uma longa réplica ao ataque de Rocha Peixoto [Afonso dos Santos Soares — «Secção critica. Uma questão atrazada. Resposta a um extenso artigo do snr. Augusto Cezar, inserto no papel democratico que se publica n'esta villa com o titulo *Independencia*», in *Estrella Povoense* de 24 de Fevereiro (p. 2), 2 de Março (p. 2), 9 de Março (p. 2), 16 de Março (pp. 1-2), 23 de Março (pp. 1-2) e 30 de Março de 1884 (p. 2)]. Rocha Peixoto não retorquiu. Mas n'*A Independência* de 30 de Agosto de 1884 vem, ao fundo da p. 2, a seguinte notícia: «O nosso amigo que usa o pseudónimo Augusto César vai brevemente dar à luz um formoso livro de propaganda anti-jesuítica. God ahead!». Tal livro, que nunca chegou a aparecer, foi anunciado pelo próprio Rocha Peixoto. Com efeito, em Abril de 1884 a *Estrella Povoense* publicou um novo artigo, assinado por *Atheneo*, defendendo os jesuítas e censurando o jovem Augusto César. Este respondeu imediatamente n'*A Independência*, muito agreste, prometendo que em breve entraria no prelo uma refutação sua à crítica de Afonso dos Santos Soarer. O articulista que se escondia sob o pseudónimo de *Atheneo* ainda ripostou — sem mais efeitos, contudo, da parte de Rocha Peixoto [Vide: *Atheneo* — «Communicado. Duas palavras aos snr. Augusto Cezar com referencia a um seu artigo, já ha muito publicado no semanario *A Inde-*

Oliveira Martins e de ler os seus livros reconheceu que não tinha conhecimentos suficientes para entrar em campo vasto, nem lógica, nem sociologia, nem biologia, etc., ciências que considerava então como indispensáveis para uma perfeita orientação científica.

Estou convencido de que foi a leitura desses livros que teve uma influência poderosa na orientação científica que desde então seguiu.

Em 1887 funda, com outros colaboradores a Sociedade Carlos Ribeiro. À consulta que me fez não lhe pude dar largas esperanças de vida próspera, tal era o desânimo que então sentia pelo exemplo da Sociedade de Instrução do Porto que chegou a atingir um período de brilho, raro entre nós. Parece que Rocha Peixoto não gostou e talvez por isso me incluiu apenas no grupo dos colaboradores da revista (*).

Por esse tempo iniciara Rocha Peixoto uma campanha

pendencia», in Estrella Povoense de 27 de Abril de 1884 (p. 3); Augusto Cezar — «Communicados. Ao Atheneo», in A Independencia de 3 de Maio de 1884 (p. 3); Atheneo — «Communicado. Ensinar os Ignorantes», in Estrella Povoense de 11 de Maio de 1884 (p. 3)].

É de calcular o eco que esta campanha de Rocha Peixoto contra os jesuítas produziu entre os seus companheiros de tertúlia — todos moços irrequietos e inconformistas, que apaixonadamente abraçavam os ideais revolucionários da época. Fonseca Cardoso, numa carta escrita em 1909 ao historiador poveiro Manuel Silva, também recorda, ao evocar os anos em que conhecera Rocha Peixoto, a «polémica» que ele «enêrgicamente» travara «conta o jesuitismo!» [Manuel Silva — «Fonsêca Cardoso», in revista *A Povoia de Varzim*, ano 5.º, n.º 10 (Póvoa de Varzim, 26 de Março de 1916), p. 3].

(*) Sobre este assunto, e aquilo que se diz nos parágrafos seguintes, ver: Augusto Nobre — «A Sociedade Carlos Ribeiro. Observações á Nótula historica», in *Annaes de Sciencias Naturaes*, V ano, n.º 4 (Porto, Outubro de 1898), pp. 167-168.

contra o Museu Municipal do Porto, publicando uma série de artigos na *Provincia* (*).

Dessa campanha resultou a nomeação, pela Câmara, duma comissão encarregada de propor à reorganização desse Museu, mas a sua acção não chegou a passar da publicação dum relatório.

Em 1888 compendiava em folheto os artigos da *Provincia* (**), em parte modificados, mas como me dizia para Paris, onde então me encontrava em estudos, a campanha encetada não produzira mais resultados.

Frequentava então Rocha Peixoto a Academia Politécnica e são de então alguns folhetos de combate, contra João Bonança e contra o ensino na Politécnica, que causaram escândalo, mas sem que os rapazes atingidos por essa crítica tirassem qualquer desforço.

Rocha Peixoto tivera também um conflito iminente com um professor, por causa duma questiúncula na aula.

Com o meu regresso de Paris as nossas relações tornaram-se mais íntimas quando fomos chamados para dirigir os trabalhos práticos e organizar o museu das cadeiras de Mineralogia e de Geologia ele e de Botânica eu.

Ao fim de um ano eu passava para a Zoologia. Ambos porfiávamos, pelo amor que sentíamos pelas ciências naturais no desenvolvimento das secções a nosso cargo.

Devo dizer que a ele se deve a organização do respectivo gabinete onde prestou os maiores serviços quer

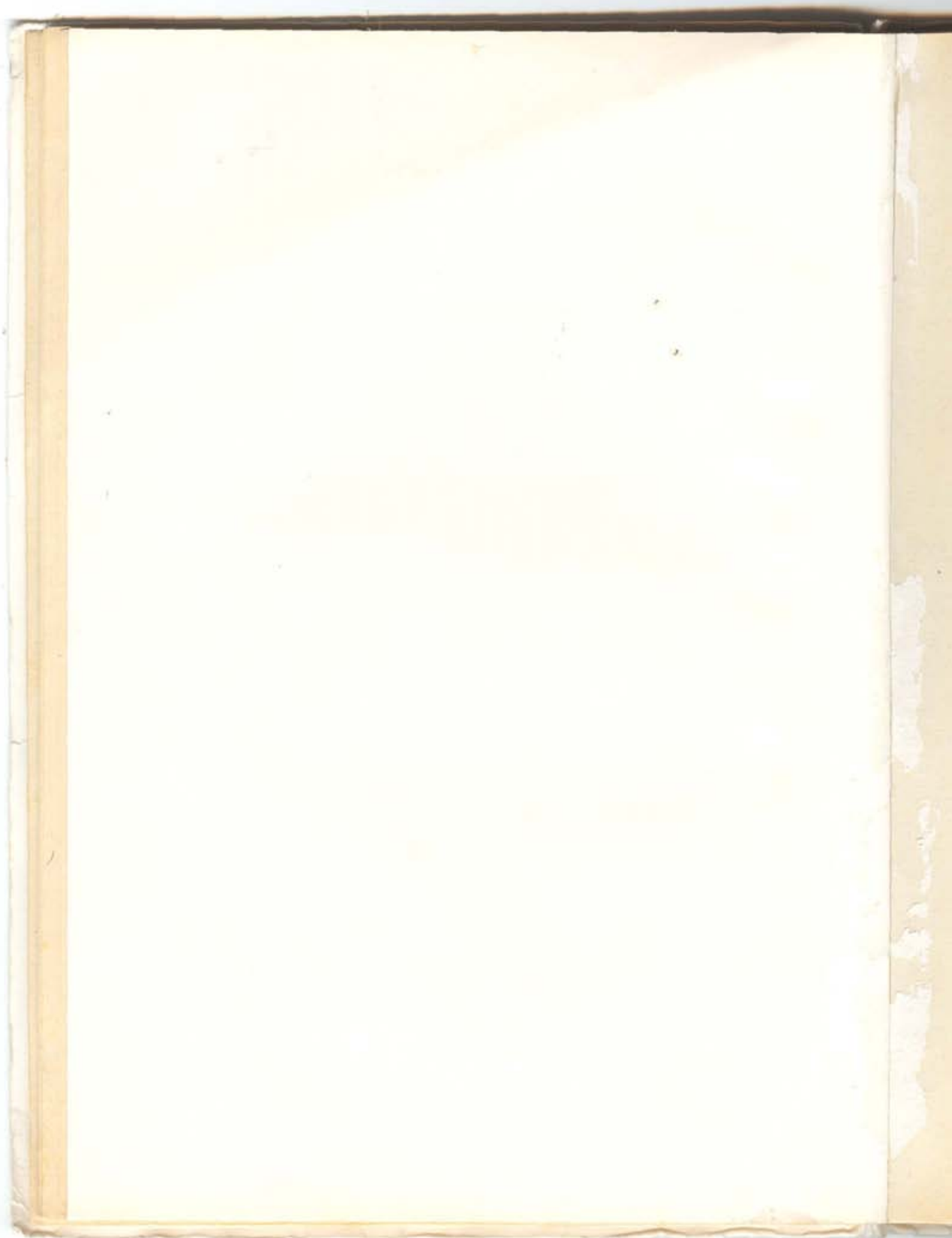
(*) A. A. da Rocha Peixoto — «O Museu municipal de Historia Natural do Porto», in *A Provincia* de 13 de Janeiro (p. 3), 17 de Janeiro (pp.2-3), 19 de Janeiro (p. 3), 24 de Janeiro (p. 3), 28 de Janeiro (p. 3), 4 de Fevereiro (p. 3), 18 de Fevereiro (p. 3), 2 de Março (p. 3), 17 de Março (p. 3), 22 de Abril (p. 3) e 25 de Maio de 1887 (pp. 2-3).

(**) A. A. da Rocha Peixoto—*O Museu Municipal do Porto (Historia Natural)* (Porto, 1888).



ROCHA PEIXOTO

[Fotografia reproduzida pela primeira vez na revista *Serões*, 2.^a série, n.º 20 (Lisboa, 1907), p. 151].



ordenando os elementos que encontrara nessa escola quer coligindo novos materiais na comissão Geológica de Lisboa e em excursões que fizera. Dessa colecção deixou um catálogo publicado mas sem o seu nome.

Aproximava-se o movimento de 31 de Janeiro e Rocha Peixoto, amigo íntimo de Amândio Gonçalves, então professor da Politécnica, era aproveitado para os preparativos da revolução como elemento de confiança. Embora eu não estivesse envolvido nesse movimento, porque outros motivos me distraíam da política activa, conhecia a sua evolução.

Ainda na véspera estivera no café Suíço, com Eduardo de Sousa, Gregório Rola, Moraes Rocha e não me recordo se com mais alguém, bebendo um cálice de Madeira ao seu triunfo.

Dali nos dirigimos para a Cordoaria à espera que saísse o regimento de Caçadores 9, onde eu tinha um irmão, como voluntário; mas passavam-se as primeiras horas da madrugada sem que o movimento se iniciasse, e assim cansados de esperar, regressámos às nossas casas.

O movimento falhara e eu pensara em Rocha Peixoto (*). Falei com Júlio de Matos sobre a situação dele. Júlio de Matos entendia que não havia motivo para que fugisse o que lhe fui comunicar à noite, à sua casa na rua da Paz. Rocha Peixoto reconhecendo a minha

(*) Sobre as ligações de Rocha Peixoto com o movimento de 31 de Janeiro consultar ainda, entre outros: João Barreira — «Uma tipografia célebre», in *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 20 de Julho de 1942, p. 1; Joana Ignez de Lemos Magalhães — «Luis de Magalhães e Basílio Teles», in *O Tripeiro*, V série, ano IV (Porto, 1948), p. 37; Flávio Gonçalves — *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centénario do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965), p. 54, nota 108.

voz, abriu tímidamente uma nesga da porta da rua e comigo trocou algumas rápidas impressões na hipótese de ter de se ausentar, transmitindo-me algumas recomendações para o Dr. Amândio Gonçalves.

Como consequência desse movimento a nossa situação na Politécnica era interrompida pelas medidas económicas tomadas pelo Ministério Dias Ferreira.

Já então Rocha Peixoto tinha sobre si os encargos duma família numerosa, arrostando com uma vida cheia de dificuldades que eram a causa primordial do seu feitio azedo e concentrado.

A nossa situação na Academia Politécnica só se consolidara em 1893, ano em que ambos entrámos para sócios da Academia das Ciências e depois também, juntamente, para membros da Comissão Central Permanente de Piscicultura.

Foi passados alguns meses que divergências de opiniões vieram arrefecer as nossas relações.

Rocha Peixoto, com o seu grupo, defendia a criação dum laboratório marítimo em Aveiro. A comissão de Piscicultura propunha a criação duma estação de piscicultura mais ao norte.

Estabeleceu-se a campanha iniciada por Melo de Matos na Revista da Sociedade Carlos Ribeiro (*) à qual

(*) Vide: J. M. de Mello de Mattos — «Laboratorios Maritimos», in *Engenharia e Architectura*, anos I e II (Lisboa, 1891-1892); J. M. de Mello de Mattos — «Laboratorio Maritimo em Aveiro», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, n.º 9, 10 e 11 (Porto, 1894), pp. 22-24, 74-88 e 125-165; Mello de Mattos — «Os trabalhos recentes ácerca de piscicultura em Portugal», in *Revista cit.*, vol. III, n.º 12 (Porto, 1895), pp. 199-212.; Mello de Mattos — «Questões Aquícolas (Resposta a uma apreciação)», in *Revista cit.*, vol. IV, n.º 13 (Porto, 1895), pp. 40-52; Mello de Mattos — «Questões Aquícolas», in *Revista cit.*, vol. IV, n.º 14 (Porto, 1896), pp. 103-105.

eu respondia nos meus Anais (*). Depois, entrava Rocha Peixoto na luta escrevendo numa revista agrícola (**). Nessa revista respondia eu (***). A questão azedou-se, mas não prosseguiu porque o seu redactor entendeu que seria melhor suspender a revista. E assim acabou a polémica pela imprensa, rematando por um conflito pessoal que começou no americano terminando no portal da Academia Politécnica.

Este incidente impressionou-me, mas eu não o provocara.

No dia seguinte Rocha Peixoto não viera à Academia. Mais impressionado fiquei. Procurei Costa Carregal, dono da tipografia editora das nossas revistas, essa figura romântica e bondosa, nosso confidente discreto, que me deu notícias tranquilizadoras.

(*) *Vide*: Augusto Nobre — «Contribuições para a Aquicultura no Norte de Portugal», in *O Instituto*, vol. XL (Coimbra, 1892-1893), pp. 613; Augusto Nobre — «Bibliografia», in *Annaes de Sciencias Naturaes*, vol. II (Coimbra, 1895), pp. 47-60; Augusto Nobre — «Notas», in *Annaes* cits., vol. II, pp. 240-243; Augusto Nobre — «O laboratorio marítimo de Leça da Palmeira», in *Annaes* cits., vol. III (Coimbra, 1896), pp. 123-127; Augusto Nobre — «Notas», in *Annaes* cits., vol. III, p. 128.

(**) *Vide*: A. A. da Rocha Peixoto — *Congresso Pedagógico-Hispano-Portuguez-Americano. Secção Portugueza. Estações de Aquicultura. Memoria*. (Lisboa, 1892), pp. 12-16; Rocha Peixoto — «Estações de Aquicultura», in *Boletim do Atheneu Commercial do Porto*, ano II (Porto, 1892) pp.105-109; Rocha Peixoto — «Uma estação de Piscicultura em Aveiro», in *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Novembro de 1893 (p. 1); Rocha Peixoto — «Aquicultura», in *O Primeiro de Janeiro* de 12 de Dezembro de 1894 (p. 1); Rocha Peixoto — «Um laboratorio marítimo em Aveiro», in *O Século* de 23 de Dezembro de 1894 (p. 1); Rocha Peixoto — *A Terra Portugueza* (Porto, 1897), pp. 231-237; Rocha Peixoto — «A Piscicultura em Portugal», in *Revista Agricola*, 2.º ano (Porto, 1899), pp. 133-138, 166-170, 195-199 e 229-233.

(***) *Vide*: Augusto Nobre — «A Piscicultura em Portugal», in *Revista Agricola*, 2.º ano (Porto, 1899), pp. 227-229, 301-306 e 327-331.

Passaram-se alguns tempos; cada um de nós seguia o seu caminho sem que novas discórdias se estabelecessem entre nós. O grupo doutros tempos achava-se reduzido, uns mortos outros dispersos.

Rocha Peixoto encontrava-se então numa situação mais desafogada. Era naturalista, definitivamente, na Academia Politécnica, professor da Escola Industrial e director da Biblioteca Municipal.

Extinta a Sociedade Carlos Ribeiro e a sua revista Rocha Peixoto, entrando num período de maior actividade, dedicava-se com o maior entusiasmo e dedicação aos seus novos serviços na Biblioteca Municipal e no museu anexo.

Fundando também com Ricardo Severo essa bela revista *Portugalia*, aí deixou Rocha Peixoto os seus melhores trabalhos científicos sobre a especialidade que a evolução lógica do seu talento definitivamente escolhera.

Eram capítulos de obra mais vasta que se propunha realizar e em que há muitos anos trabalhava com o amor que só têm os sinceros e verdadeiros homens de ciência, obra da qual deixou valorosíssimos elementos que infelizmente não vimos ainda coordenados por mãos amigas.

Embora fragmentados, dispersos e incompletos, talvez deles alguma coisa de bom e original se aproveitasse para a ciência; seriam pelo menos notas inéditas que assim se perdem e cujo valor só bem sabe apreciar quem a estudos similares se tem dedicado, por ver perdido ou ignorado o resultado de muitos anos de trabalhos e canseiras, de investigações que a outros podem escapar.

Ainda *supus*, quando foi da trasladação do ilustre morto para a sua terra querida, que as palavras que ouvi pronunciar e as impressões trocadas entre amigos acerca do aproveitamento da sua obra dispersa tivessem mais

tarde uma efectivação merecida. Mas não. Catorze anos se têm passado sem que tal facto se anuncie.

Tendo começado os seus trabalhos científicos pelas ciências naturais, pela malacologia, passou depois, definitivamente, para a antropologia, detendo-se pelo campo da arqueologia, da epigrafia, e, principalmente, pela etnografia e etnologia. Era nestes ramos de ciências que Rocha Peixoto mais trabalhava, preparando e coligindo os materiais para legar ao seu país algumas obras valiosas, elaboradas por uma inteligência viva, uma observação meticulosa e honesta, coligindo e adquirindo materiais nas frequentes excursões que pelo país fazia. Não eram só trabalhos de gabinete; eram ainda memórias originais e de valor científico pessoal.

Pelos trabalhos publicados já se pode avaliar o que seria a sua obra futura e quanto a ciência perdeu com a morte prematura desse lutador e batalhador infatigável e de talento.

Além dos primeiros opúsculos de crítica e combativos que primeiramente publicou, a sua obra científica apparece-nos em jornais e revistas como a *Revista de Ciências Naturais e Sociais* e na *Portugalia*.

É ela constituída por memórias como *Notas sobre a malacologia popular*, a *Tatuagem em Portugal*, *Produtos agrícolas das colónias portuguesas*, *Os Palheiros do litoral*, *As Filigranas*, *A Pedra dos Namorados*, *As Olarias de Prado*, *O Comunismo em Portugal* (*), *A Casa Portuguesa*

(*) Foi em 1908 que Rocha Peixoto publicou a primeira versão do seu estudo «Formas da Vida Communalista em Portugal. Sumario de uma monographia inedita», in *Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908. Secção Portuguesa. Notas sobre Portugal* (Lisboa, 1908), pp. 73-83. Este trabalho saiu impresso mais duas vezes, com successivos acréscimos, ainda em vida do autor. Vide: A. A. da Rocha Peixoto — «Survivances du Régime

e a *Terra Portuguesa*, volume em que se acham reunidos apenas artigos e monografias já anteriormente publicadas.

Como organizador deu provas flagrantes da sua tenacidade e do seu amor pela ciência.

Primeiramente, na Academia Politécnica, fazendo daquele caos, que eram as colecções mineralógicas e geológicas, um núcleo importante e basilar, como já referimos, para o actual museu. Depois na Biblioteca e no Museu Municipal onde a sua passagem deixou vincada tanta iniciativa e saber, na organização do museu de arqueologia, epigrafia e de etnologia, trabalho este que era a preocupação constante dos últimos tempos da sua vida, percorrendo o país em frequentes explorações com o fim de colher e adquirir materiais para o engrandecer.

Data deste tempo o reatamento das nossas relações pelo convite que me dirigiu para a revisão da colecção geral de malacologia do Museu Municipal. Era o primeiro passo para uma reconciliação, embora entre nós tivessem desaparecido já quase ressentimentos de lutas passadas.

Eu soubera que já em 1907, por ocasião do maior desgosto da minha vida, ele pensara em me escrever. Só esta intenção, que não chegou a efectivar-se, não sei porquê, talvez pelo seu feitio taciturno e de isolamento em que se refugiava, comovera-me e fizera-me esquecer qualquer mágoa que ainda restasse da luta que havíamos tido e para a qual um elemento estranho, e que a ele próprio iludira em vida, talvez muito tivesse contribuído.

Communautaire en Portugal (Abragé d'une monographie inédite)», in *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, vol. III, n.º 4 (Coimbra, 1908), pp. 205-221; Rocha Peixoto — «O communismo em Portugal», in *O Primeiro de Janeiro* de 25 de Dezembro de 1908 (p. 1), de 1 de Janeiro de 1909 (pp. 1-2) e de 6 de Janeiro de 1909 (pp. 1-2).

Tudo se encaminhava para uma reconciliação que eu sinceramente desejava, quando sobreveio a sua doença; a princípio sem cuidados, mas traiçoeira como quase sempre, fora descobrir naquele corpo débil e gasto razões para justificar a morte da sua presa dentro de poucos dias.

Quando soube desse súbito agravamento da doença fui a Matosinhos, a sua casa.

Não o pude ver; porém, as notícias que me davam eram tão graves que entre o receio de ir motivar qualquer comoção prejudicial ao seu estado e o desgosto de nem o ver nem lhe falar, não hesitei pela primeira solução esperançado ainda que melhores dias viessem.

E, pensando assim, retrocedi pelo solitário caminho que conduzia à sua modesta casa.

Disse-me depois Eduardo Pimenta que Rocha Peixoto, ao saber da minha visita, tivera os olhos humedecidos por algumas lágrimas.

Passados dois ou três dias assistia ao seu enterro em Agramonte na companhia de poucos dos seus antigos amigos, pois que a morte já levava uns e outros estavam dispersos por longe.

A Escola Primária Superior da Póvoa de Varzim adoptando o seu nome para patrono dessa Escola presta assim uma simpática homenagem àquele que tanto amou a terra em que nasceu e que tanto a honra pelo nome ilustre que lhe legou (*).

(*) Por despacho do Ministro da Instrução Pública João José da Conceição Camoegas, datado de 23 de Maio de 1923, a antiga Escola Primária Superior da Póvoa de Varzim passou a denominar-se *Escola Primária Superior de Rocha Peixoto*. Comemorando o facto publicou-se na Póvoa de Varzim o jornal onde saiu este artigo de Augusto Nobre.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«marânus» - porto